

Apresentação

“Geografias literárias: cidades escritas”. Este é o tema proposto para o número 41 da *Convergência Lusíada* e para o qual concorreram reflexões críticas cujo enfoque voltado para a experiência literária com as cidades se revelou mais do que leituras da paisagem urbana sob um viés interdisciplinar. Configuram-se textos em que o olhar sobre a cidade retrata-a ora sob destroços, tendo em vista o contexto heterogêneo da poesia brasileira moderna, ora mergulhada no século XIX e alçada à categoria de personagem, como é o caso da Lisboa que Eça de Queirós nos dá a ver.

No trajeto delineado pela seção Dossiê descortinam-se, em especial, as cidades do Rio de Janeiro e de Lisboa, a sua memória, a sua cartografia, o seu mapeamento, mas também Porto, Luanda, São Paulo, Toritama, São João da Mata, Manaus. Como abre-alas desse conjunto de possibilidades figura o artigo de Claudia Barbieri Masseran sobre a Lisboa de *O primo Basílio* e d’*A Capital! (começos de uma carreira)*, mais especialmente sobre o extinto Passeio Público e o jardim São Pedro de Alcântara, seguido pelo olhar de Silvie Špánková sobre a Lisboa de Branquinho da Fonseca em seus *Caminhos magnéticos*, numa deambulação noturna pela cidade. A Lisboa de Pessoa e Saramago encontra em Ana Clara Magalhães de Medeiros e Augusto Rodrigues da Silva Junior o seu espaço tanatográfico, dado o caminho de despedida percorrido pelo heterônimo Ricardo Reis após a morte de seu criador: uma Lisboa salazarista a viver os seus dias de nevoeiro. De Lisboa, segue-se para o Porto de Mário Cláudio, onde será identificado, no artigo de Mariana Caser da Costa, um provável percurso autobiográfico do autor de *Astronomia* em diálogo com outras artes. De retorno a Lisboa, o leitor revisita a cidade sob a pena de Teolinda Gersão no artigo de Ariane de Andrade da Silva, de modo a entrevê-la labiríntica e fragmentada em *A cidade de Ulisses*.

Sem sair de Portugal, mas já adentrando a literatura brasileira, Karla Renata Mendes apresenta ao leitor a Cecília Meireles viajante, cronista de lugares, amante do solo português. Neta de açorianos, a poeta modernista transfere para o relato de viagens sua experiência poética com a paisagem, seus encantos e descobertas. De volta ao Rio de Janeiro, após cruzar o Atlântico, o leitor será guiado pelo olhar de um geógrafo e também poeta português, Paulo Teixeira, sobre a obra de Rubem Fonseca a partir do “mapeamento cognitivo” na pós-modernidade sob a ótica de Fredric Jameson. A geografia literária vivida na escrita. No Brasil ainda, Fadul Moura traz à baila a poesia da década de 1960 do manauara Luiz Bacellar e do mineiro Francisco Alvim naquilo que ambos convergem: a apresentação da paisagem da cidade enquanto “concepções poéticas com características singulares”.

Com a chegada a São Paulo, Pascoal Farinaccio desperta-nos para a cidade vista pelos olhos das crianças no conto “O Passeio”, de João Anzanello Carrascoza. Não mais a cidade sem alma, mas a afetiva e imaginativa, cultuada pela *anima mundi* do filósofo e psicólogo junguiano James Hillman. Depois, numa ponte com a África, aporta-se em Angola pelos olhares argutos de Sheila Ribeiro Jacob e Alice Giroto, a divisarem uma Luanda pós-independência quer nos romances de Pepetela e Ondjaki, quer no diálogo de Luandino Vieira com a produção artística de António Ole.

Na seção *Vária*, figuram os artigos de Monica Simas acerca da paisagem poética do português Al Berto e o de Regina Célia dos Santos Alves em torno da paisagem dos cemitérios pernambucanos de Toritama e São João da Mata em três poemas de João Cabral. O número 41 fecha-se então com uma pequena antologia poética organizada por Luís Maffei, “As cidades e nós”, em que as cidades, qual num “concerto”, compõem um todo orgânico e musical, embaladas pelo ritmo que nasce de suas próprias experiências com o lugar e a ideia de pertencimento.

Com esse percurso de diferentes saídas e entradas, deseja-se uma instigante geografia literária pelos espaços luso-brasileiros.

Ida Alves e Márcia Manir Feitosa